

“Exu contra o Mengão” – Apontamentos sobre as religiões de matriz africana nas páginas da Placar (1970 – 1988)

Danilo da Silva Ramos¹
Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar como as religiões de matrizes africanas foram apresentadas no futebol a partir de matérias publicadas na Revista Placar, em uma base amostral que está localizada entre as décadas de 1970 e 1980. Busco a partir das fontes analisar os discursos que envolviam estas religiões e a maneira que fizeram parte do futebol nacional, mobilizo para esta finalidade alguns referenciais teóricos específicos para o tema.

Palavras-chave: religiões de matriz africanas; Revista Placar; futebol.

“Exu against the Mengão” - Notes on African-Derived Religions in the Pages of Placar (1970-1988)

ABSTRACT: This article aims to analyze how African-derived religions were portrayed in football through articles published in Placar Magazine, based on a sample dating from the 1970s to the 1980s. Through these sources, I seek to examine the discourses surrounding these religions and how they became part of national football. To achieve this goal, I leverage specific theoretical frameworks related to the subject.

Keywords: religions of African matrix; Placar Magazine; soccer.

“Exu contra o Mengão” - Apuntes sobre religiones de matriz africana en las páginas de Placar (1970 – 1988)

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo las religiones de matriz africana fueron presentadas en el fútbol a partir de artículos publicados en la revista Placar en una base muestral que se sitúa entre los años 70 y 80. A partir de las fuentes, busco analizar los discursos que involucraron a estas religiones y la forma en que formaron parte del fútbol nacional. Para ello, movilizo algunas referencias teóricas específicas al tema.

Palabras-clave: religiones de matriz africana; Revista Placar; fútbol.

¹ Doutorando em Estudos do Lazer, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Bolsista).

E-mail: daniopelc@gmail.com

Notas Introdutórias

A ideia para construção deste artigo surgiu de um fato específico, a conquista do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino² pelo Clube Atlético Mineiro no ano de 2021. Com a confirmação do título, o técnico do clube na ocasião que era Alexi Stival, conhecido no futebol como Cuca, havia solicitado aos familiares de Telê Santana, histórico treinador da equipe mineira no passado com passagens nos períodos de 1970-71, 1972-75 e 1987-88³, para completar, uma promessa não cumprida por ele (Telê). Na ocasião da conquista do título do Campeonato Brasileiro de 1971 pelo Atlético Mineiro, a promessa foi cumprida apenas em parte, por diversos motivos⁴ que contribuíram para tal situação. Me chamou a atenção sobre as notícias que saíram na imprensa esportiva, de uma maneira geral, sobre o assunto (as promessas feitas para santos e/ou santas do catolicismo no futebol). Naquele momento comecei a me questionar sobre as intersecções das relações possíveis entre os temas das religiões no futebol, como interage no que diz respeito aos envolvidos a citar os jogadores e jogadoras, torcedores e torcedoras, treinadores e treinadoras, jornalistas e todos outros e outras envolvidos/as com o esporte.

Refleti sobre quais superstições, promessas, ritos e afins já havia acompanhado no futebol, e rapidamente emerge em minha memória determinados momentos como a promessa cumprida por Felipão após a conquista da Copa do Mundo em 2002, quando o técnico fez uma caminhada dedicada à Nossa Senhora do Caravaggio na Serra Gaúcha (Rio Grande do Sul)⁵. Outro momento, sem muito esforço de lembrança foi uma faixa com os dizeres de “100% Jesus” utilizada por Neymar Júnior em algumas comemorações de títulos, a mencionar as Olimpíadas de 2016^{6e7} e a Liga dos Campeões da Europa da temporada de 2014-2015⁸. Foram recordações que neste primeiro momento de reflexão surgiram sem muito esforço.

Todo este processo me levou a indagar sobre a existência de alguma memória sobre a manifestação no futebol, de qualquer parte envolvida, de símbolos, ritos, simpatias e afins de

² É necessário pontuar que não houve menção ao futebol feminino nas matérias analisadas.

³ Fonte: <https://imortaisdofutebol.com/tecnico-imortal-tele-santana/>

⁴ Para um maior detalhamento das motivações que impediram Telê a completar a promessa: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/na-trilha-de-tele-perto-de-titulo-no-atletico-mg-cuca-ganha-aval-para-completar-promessa-de-1971.ghtml>

⁵ Notícia completa em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2002-07-01/scolari-volta-para-agradecer-santa-de-sua-devocao>

⁶ Veja fotos em <https://www.semperfamilia.com.br/actualidades/comite-olimpico-internacional-reclama-da-faixa-100-jesus-de-neymar/>

⁷ Ver mais em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/neymar-100-jesus-precisa-aprender-a-ganhar-por-kiko-noqueira/>

⁸ Veja fotos em <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/fifa-apaga-100-jesus-da-faixa-de-neymar/>

religiões não cristãs, como por exemplo as religiões de matriz africana⁹. Não obtive sucesso; percebi que não guardo tais lembranças. Observem que os três casos supracitados temos as religiões cristãs como centro, alguns fatores podem ser levados em consideração para isto, como o fato de vivermos em um país com maioria cristã, conforme nos indica os dados do censo populacional realizado em 2010, onde indicou que 86,6% da população brasileira se declarou como cristão (IBGE, 2010) e a invisibilidade que parte da imprensa esportiva trata as religiões de matriz africana, sendo que a maior parcela dos atletas, de base e profissional do futebol masculino, no Brasil são negros e periféricos, portanto, herdeiros dessa matriz africana. Dito isto, surge a problemática deste artigo, analisar como a imprensa, representada pela revista Placar, apresentou a intersecção do futebol e religiões de matriz africana.

O leitor e a leitora podem se perguntar, por qual motivo escolhi voltar ao passado para verificar as condições do presente. A decisão de buscar as raízes históricas do assunto é por acreditar que o presente está ligado ao passado (em certa medida), além disto, práticas contemporâneas estão ligadas às condições de seu desenvolvimento ao longo do tempo, por isso estudar a história de uma prática é importante para conhecermos o presente, conforme aponta Lee (2011). Desta maneira, suponho que a baixa demonstração de práticas ligadas a religiões de matrizes africanas no futebol pela imprensa esportiva tem relação com o processo histórico e consequentemente, de como o senso comum, aqui operado como sendo “um conhecimento prático, produzido em nosso cotidiano, e é por meio dele que orientamos as nossas ações. O senso comum representa a realidade em que estamos inseridos, é um conhecimento fértil, representa as inquietações do sujeito”, definido em uma discussão sobre ciência por Silva (2011, p.2). Assim, o senso comum futebolístico foi sendo construído e consequentemente influenciado e por vezes influenciando em uma relação dialética com as ideologias que circulavam nos jornais, diários, revistas, programas esportivos e outros, ou seja, na sociedade como um todo.

Os problemas sociais, a exemplo do racismo em suas diversas faces e formatos, são estruturados no passado e existem para manter a ordem exploratória e hierarquia entre as classes sociais, como indica Almeida (2019). Desta maneira e com a finalidade de responder o questionamento, decidi fazer o exercício de lançar um olhar para o passado para analisar como a imprensa esportiva lidou com as religiões de matriz africana. Para isto foquei em uma revista (a Placar) e com o período entre as décadas de 1970 e 1980, com a finalidade de dar aleatoriedade nas matérias encontradas e com isto tentar retirar os vícios de uma pesquisa, a partir da

⁹ Religião de Matriz Africana são as religiões formadas pelos/as africanos/as durante o período de escravidão no Brasil, resistiram durante o tempo até chegar na contemporaneidade. São exemplos o Candomblé e a Umbanda.

discussão por margem amostral. A escolha desta revista como fonte foi por conter um conjunto de características como sua importância como publicação de esportes no cenário nacional, teve grande destaque nas décadas passadas, existindo até o presente momento e o acesso a partir de sua disponibilidade em repositórios virtuais (*online*). Parte do seu acervo se encontra nas plataformas digitais do *Google Books*¹⁰ e *Ludopédio*¹¹. São vários trabalhos acadêmicos que manusearam a revista como fonte, posso trazer à tona como exemplo Saldanha (2009), Leal e Mesquita (2021), Salvini e Marchi Júnior (2013).

No âmbito da metodologia fiz uma análise dos discursos apresentados nas matérias publicadas na revista. Como base referencial para isto me apoiei nas considerações de Gregolin (2001) ao ponderar a necessidade de observar a forma e os discursos que existem em um texto, mas não demonstrados de forma evidente, ou seja, observar as influências das ideologias existentes e que se fazem presentes nas publicações sobre determinado tema.

Como base amostral fiz a seleção de 10 matérias que tiveram as religiões de matriz africana como cerne, realizada em uma busca aleatória/automatizada. A plataforma escolhida foi a do *Google Books* por possuir uma ferramenta de busca via definição de palavras-chave. Desta maneira, utilizei como base para busca a palavra-chave 'macumba' para a procura e definido seguindo a escolha inicial de 10 primeiras matérias que aparecessem em tela (no momento da pesquisa). A opção pela palavra macumba na busca se deu pelo fato de ser parte do senso comum, quando se trata de religiões de matriz africana, lugar comum em que é colocada todas as práticas, independente de suas histórias e consequentemente suas características próprias. O resultado para busca realizada no dia 27 de outubro de 2022, está demonstrado no seguinte quadro:

Quadro 01: Lista com as 10 primeiras matérias que apareceram na busca.

Referência/posição na busca	Mês/ano	Página	Título
1 ^a	abr/88	21	O Empate da Macumba
2 ^a	set/79	54	Exu contra o Mengão
3 ^a	mai/81	32	A Macumba virou maldição ¹²
4 ^a	set/88	25	Sem Pimenta e Mandinga
5 ^a	jun/71	21	O CSA mudou e ganhou
6 ^a	set/70	22	Quem pode com a Macumba baiana?

¹⁰ Acervo disponível em https://books.google.com.br/books?id=6ygvHbKWJeEC&lr=&hl=pt-BR&rview=1&source=gbs_all_issues_r&cad=1&utm_aiy=1970#all_issues_anchor

¹¹ Acervo disponível em <https://ludopedia.org.br/biblioteca-categoria/revistas/>

¹² Sobre esta matéria escrevi um texto específico para a revista Ludopédio, disponível em <https://ludopedia.org.br/arquibancada/a-macumba-virou-maldicao-apontamentos-sobre-ritos-religiosos-de-matriz-africana-em-uma-materia-da-revista-placar/>

7 ª	fev/80	72	Uma final de velhos rivais
8 ª	fev/87	50	O divã dos super-heróis
9 ª	mai/83	21	Macumba contra Valdir Peres
10 ª	jul/81	52	Caxias

Fonte: Acervo da revista Placar no Google Books, tabela elaborada pelo autor.

Cabe ressaltar que em buscas nos repositórios do banco de teses e dissertações da CAPES¹³ e Scielo Brasil¹⁴ não foram encontrados trabalhos que versem sobre o tema aqui abordado. Definidos os marcos estruturais do texto, vamos à discussão.

“Exu contra o Mengão” – Religiões de matriz africana na Revista Placar

A leitura das matérias obtidas me forneceu diversos elementos para discussão. Inicialmente é notório a percepção de uma forma caricata em que algumas publicações indicam as religiões de matrizes africanas e em diversos níveis. A partir deste momento irei trazer apontamentos sobre as incidências supracitadas.

Para tratar sobre o clássico entre Vitória e Bahia, o BA-VI, disputado pela final do campeonato Baiano do ano de 1988, a matéria publicada pela Placar informa que “se macumba ganhasse jogo, diz o ditado, campeonato baiano terminava empatado¹⁵”. Neste trecho temos informações importantes para nosso debate, posso citar a marcação do estado da Bahia como um local assinalado pela prática das religiões de matriz africana, fato que em meu entender pode ser duplamente categorizado. Primeiro como um importante reconhecimento da história das pessoas negras, em maioria, que conseguiram ao longo do tempo resistir e manter tais religiões vivas, ao passo que Salvador (capital do Estado) foi um dos maiores portos envolvidos com o tráfico de escravizados e é a maior cidade com população negra fora do continente Africano. Segundo, pela utilização da palavra ‘macumba’, quando na realidade existem poucos registros sobre uma religião de matriz africana com este nome¹⁶, além disso, dá uma noção de que todos os times existentes no estado são ligados aos ritos da ‘macumba’, ou seja, coloca-os em um pensamento de uniformidade, semelhante ao ‘ditado’ de que ‘todo e toda baiano e baiana são preguiçosos’. Em minha perspectiva este ‘ditado’ tem no desfecho desta situação alguns aspectos do racismo recreativo, como discutido por Moreira (2019), momentos em que piadas racistas, com intenção ou não, são proferidas para representar as pessoas negras ou suas

¹³ Acesse em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

¹⁴ Acesse em <https://www.scielo.br/>

¹⁵ Revista Placar, 1988, n. 930, p.21.

¹⁶ É perceptível destaque a esta denominação no Rio de Janeiro.

práticas específicas.

Cabe destacar que o mesmo ‘ditado’ esteve presente em outras páginas e matérias da revista, só neste breve conjunto de fontes selecionados aleatoriamente, com roupagem diferente, mas mesmo teor, a exemplo de ‘se macumba valesse, campeonato baiano terminaria empatado¹⁷’. É como dizer que os ritos destas religiões não eram válidos, pois como todos os clubes de futebol da Bahia tinham o pé na ‘macumba’ e o campeonato baiano nunca terminou empatado, desvalidando qualquer tipo de manifestação vindos destas religiões. Acrescento que não existe no futebol ditados que abordem a fé cristã no sentido anterior, não verificamos ditados como “se cumprir promessa valesse, o campeonato brasileiro não teria campeão”. Estas condições de homogeneização ou tentativas de padronizar as religiões de matriz africana sob o nome de macumba, foram ponto de partida para as indicações de Amorim (2013). Segundo o autor, ao depararmos com a palavra, é necessário contextualizar historicamente e analisar suas diferentes utilizações.

O futebol é influenciado, em certa medida, pelos sensos comuns existentes na sociedade, pois, não é uma bolha e tem uma relação dialética sendo em outros momentos o influenciador, e acrescenta a marcação de sua importância o fato de ser o maior esporte do planeta na contemporaneidade, conforme Murad (2007). Os aspectos que são relacionados às religiões de matriz africana que operam na sociedade serão encontrados no futebol. Em minha base amostral de análise indico que parte dos jogadores tem uma visão estereotipada sobre os ritos, apesar de uma parcela deles serem praticantes (independente da frequência), tentam (ao menos no discurso público) se distanciarem deste fato. Quero dizer com isto que se a sociedade brasileira foi edificada sobre as religiões cristãs, um jogador de futebol para não perder patrocínios ou popularidade busca se distanciar das religiões de matriz africana.

Em entrevista concedida à revista em setembro de 1988, ao sair do time do Bahia para o Palmeiras, o zagueiro Roberto da Silva Pinheiro (Zanata)¹⁸ afirma que “não acredita em mandingas baianas”¹⁹, todavia, pede que seja feito uma lavagem no Parque Antártica para espantar o mau olhado. Além disto, revela que toma banho de alfazema antes das partidas e sobre este fato busca se distanciar das suas origens (religiões de matriz africana) afirmando que “é para purificar, sou católico²⁰”. Cabe destacar que a utilização dos banhos de alfazema não são tradição da religião católica, mas de religiões de matrizes africanas, sim. Corroborando com o final desta afirmativa temos um artigo publicado por Ferreira, Elias, Assunção e Citadini-Zanette

¹⁷ Revista Placar, 1979, n. 491, p.56

¹⁸ Algumas estatísticas da carreira do jogador estão disponíveis em <https://www.ogol.com.br/player.php?id=173372>

¹⁹ Revista Placar, 1988, n. 952, p.25

²⁰ Idem.

(2021), onde abordam as plantas medicinais usadas na Umbanda em um estudo de caso. Sobre o uso da alfazema, especificamente, apontam que é feito com a finalidade ritualística sendo “acalmadora do espírito, tranquiliza as situações difíceis. Harmonia” (Ferreira, Elias, Assunção e Citadini-Zanette, 2021, p. 6). Existe a possibilidade de que o ex-jogador praticava os rituais (banho de alfazema) com a crença de seus efeitos, contudo, devido ao local do discurso (estado de São Paulo) e clube onde havia chegado (Palmeiras tem sua fundação ligada à comunidade de italianos, população tradicionalmente católica) decidira construir uma nova imagem, afastada daquela edificada no Bahia. Ou seja, o clube em que um jogador se encontra pode influenciar (explícita ou implicitamente) nas manifestações religiosas. Pois, nesta entrevista o jogador afirmou que ‘não acredita em mandingas baianas’. Além disto, segundo a reportagem, indicou que ‘Macumba não faz sua cabeça’ e as declarações dos tempos como atleta do Bahia foram ‘destinadas apenas para autopromoção’.

Existem alguns recortes na amostra que demonstram um sentimento de receio do desconhecido, inclusive em outros momentos posso sinalizar que os rituais são validados, mesmo que contraditoriamente. Como exemplo trago a matéria sobre a desclassificação do Bahia para o São Paulo, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro de Júnior de 1979, onde informa que a “macumba quase para os paulistas²¹”, mesmo com a vitória o time do Bahia não avançou, pois perdeu o primeiro jogo por 2 gols de diferença e venceu na Fonte Nova por 1 gol de diferença. Este recorde valida, em certa medida e possivelmente em um tom irônico, os rituais quando publica que “depois de preparar o despacho no vestiário dos visitantes, com charutos e farofa de azeite de dendê, Lourinho garantiu a vitória do Bahia. E ela aconteceu. Mas o 1 a 0 foi pouco²². ”

Em outra matéria temos a mesma validação, pois, indica que na derrota do São Paulo para o Atlético Paranaense, por 2 a 1, o goleiro Waldir Peres²³ falhou por conta de um “despacho muito bem-feito”²⁴ contra ele. Cabe destacar que o trabalho é descrito em todos os detalhes, pois, não existe foto/imagem (ao menos na matéria), narrando a cena a seguir: “atrás das redes de Waldir Peres um macaco de borracha com uma fita vermelha amarrada de forma especialmente obscena. Em sua boca havia um charuto e no peito um bilhete com uma foto de Waldir”²⁵, continua informando que “alguns repórteres, dizendo-se entendidos em macumba, garantiram em suas rádios que era um despacho muito bem-feito. E, de uma forma ou de outra,

²¹ Revista Placar, 1980, n. 511, p.72

²² Idem.

²³ As estatísticas do jogador estão disponíveis em <https://www.ogol.com.br/player.php?id=27164>

²⁴ Revista Placar, 1983, n. 677, p.21

²⁵ Idem

Waldir tomou um gol perfeitamente defensável (o primeiro)²⁶. Outro elemento neste recorde é o acesso ao campo para a realização do trabalho, ao passo que estava posicionado “atrás das redes de Waldir²⁷”. Algum nível de relação social e credibilidade, para a entrada no estádio, a pessoa que realizou o trabalho possuía.

Temos uma matéria sobre os medos dos zagueiros intitulada “o medo secreto dos machões²⁸” temos a afirmação de Caxias, zagueiro do Internacional naquele período, revelando que “tenho medo que façam um trabalho contra mim, para me prejudicar. Se fizerem isso comigo, peço para não jogar. E se for algo pessoal contra mim, eu juro que nem saio mais de casa²⁹”. Entre as décadas de 1970 e 1980 devido ao desenvolvimento tecnológico do período e a situação educacional da população brasileira, com grande taxa de analfabetos, entre 33.7% e 25.9%, respectivamente, segundo dados dos censos populacionais do IBGE e agrupados no Mapa do Analfabetismo no Brasil (2021) os discursos sobre os rituais com ligação às religiões de matrizes africanas, atinham influência da história oral. Nesta matéria, especificamente, o jogador indica que parte de suas conclusões sobre o assunto advinham do conhecimento transmitido por pessoas próximas a ele, como um jogador (Perez) que narrou uma experiência vivida em nos tempos de Bahia, transmitindo que “uma vez, ao pegar a chuteira, encontrou 11 papeizinhos lá dentro, com os nomes dos adversários³⁰”.

Nestas fontes foi verificado a disputa entre os clubes utilizando despachos quando se enfrentavam. Nos anos 1970, o Santa Cruz enviou representantes para Salvador com a finalidade de fazer um trabalho no terreiro de mãe Menininha para vencerem o Náutico³¹. O título deste texto é expressivo ao indagar “quem pode com a macumba baiana?³²” a sugestão vem do apontamento de que o Náutico estava se utilizando da ‘macumba’ e com isto levou o Santa Cruz ao encontro de mãe Menininha para voltar a sair vitorioso contra o rival. O despacho do tricolor obteve êxito quando “levado para Recife e colocado perto do campo do Náutico, antes do segundo jogo da melhor de três, que o Santa venceu - e o seguinte. A macumba baiana é mais forte.³³”

Outra “sensacional guerra extracampo, travada nos terreiros de macumba”³⁴ foi publicada sobre o futebol alagoano. O CSA recorreu aos despachos para alcançar a vitória

²⁶ Idem

²⁷ Idem.

²⁸ Revista Placar, 1981, n. 583, p.52

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Revista Placar, 1970, n. 27, p.22

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Revista Placar, 1971, n. 67, p.21

contra o São Domingos, na matéria é relatado os detalhes dos despachos realizados em favor das duas equipes e finaliza as análises indicando que "se a Macumba fez ou não efeito, é caso de discutir. O fato é que o despacho fora de campo talvez tenha contribuído para uma das maiores zebras da Loteria Esportiva: a vitória do CSA que não era esperada por ninguém"³⁵.

A reportagem sobre o trabalho feito por pai-lourinho, torcedor do Bahia, contra o Santa Cruz traz uma série de elementos para o imaginário da influência negativa que as religiões de matrizes africanas poderia atuar, inclusive demonstra a potência deste ao apresentar os relatos de vários atores da partida entre as duas equipes (jogadores, dirigentes e arbitragem). O árbitro daquele jogo afirmara que "pareceu-me que havia forças estranhas impulsionando o Bahia e forças mais estranhas ainda amarrando o Santa Cruz" (Revista Placar, 1981, p.32). Conclui que Lourinho foi tão feliz naquele trabalho que o clube pernambucano não só foi derrotado dentro das quadro linhas, como iniciou um período turbulento fora das quatro linhas, a exemplo a perda massiva de sócios-torcedores por conta do episódio³⁶.

Em matéria dedicada aos massagistas, o assunto sobre o tema da religião teve espaço importante, nela temos a introdução às diversas religiões praticadas por estes profissionais. O massagista, João de Maria, do Náutico sentencia "não me recuso a fazer um trabalhinho"³⁷ e em seu relato noto que traz o elemento em que as ações e crenças individuais podem ser um fator de influência das ações, ao passo que o profissional cita as atitudes do técnico Duque, onde este permitia a realização dos trabalhos "todos os dias"³⁸.

Por fim, o último recorte analisado foi da matéria intitulada "Exu contra o Mengão"³⁹, aqui temos a apresentação de que todos os 'grandes' clubes cariocas, de uma forma ou de outra, tem representantes que praticam em algum nível as tradições das religiões de matriz africana e utilizam seus rituais em algum momento, inclusive a matéria aponta para uma união dos representantes do Vasco, Fluminense e Botafogo para acabar com as vitórias do Flamengo. À medida em que é relatado este fato no trecho abaixo.

o time não vai? Pois os pais de santo de Vasco, Fluminense e Botafogo resolveram agir por conta própria. Uniram-se num pacto com o Diabo para interromper a caminhada do Flamengo rumo ao tri. O rubro-negro que trate de fazer um trabalhinho contra. Saravá!⁴⁰

³⁵ Idem

³⁶ Realizei uma discussão sobre esta matéria de forma pormenorizada, este texto está disponível em <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-macumba-virou-maldicao-apontamentos-sobre-ritos-religiosos-de-matriz-africana-em-uma-materia-da-revista-placar/>

³⁷ Revista Placar, 1987, n. 873, p.50

³⁸ Idem.

³⁹ Revista Placar, 1979, n. 491, p.54

⁴⁰ Idem.

A publicação tem como tema a ligação do orixá Exu ao diabo, inclusive dando a entender que são a mesma representação. O trecho acima coloca que todos os pais e mães de santo, representantes dos clubes indicados, fizeram um pacto com o diabo contra o Flamengo e posteriormente indica que “eles concentraram todas as suas forças místicas num trabalhinho caprichado para Exu: Pai Santana (Vasco) invocou o Diabo, Biscoito (Fluminense) clamou pelo Caboclo Zepelinta, Tia Lélia (Botafogo) apelou para os poderes de Omulu⁴¹”. É notório a confusão imagética/simbólica ao incluir a representação do Diabo neste texto, principalmente pela tentativa de igualá-lo a Exu. Esta prática é discutida por Imbiriba Veiga (2021), onde afirma que está ligada ao Brasil colonial devido à posição da religião cristã em nosso processo de exploração realizado por Portugal, ou seja, é um fenômeno histórico.

Considerações Finais

Em determinados momentos as religiões de matrizes africanas foram colocadas como homogêneas, onde a realidade material prática nos demonstra o contrário, o desenvolvimento socioespacial fez emergir uma série de diferenças entre estas, e em meu sentir, este fato compõe parte dos elementos que as mantêm vivas (diferenças regionais).

Existem espaços nas matérias selecionadas que identifiquei, uma certa caricatura dos ritos e símbolos das religiões afro, entretanto, este elemento possui um aspecto contraditório, ao passo que a ‘satirização’ pode ser encarada de um prisma afirmativo para o satirizado em um outro momento no futuro, pois marca sua existência (registro da fonte). Quero dizer com isto que, em trechos que satirizam jogadores que encomendam ou realizam trabalhos, percebemos que essa prática era comum entre alguns deles. Não estou minimizando o caráter racista desses tipos de escritos; no entanto, eles podem ser encarados como contraditórios. Além disso, uma parte desses discursos demonstram o medo do desconhecido, trazendo consigo, inclusive, um respeito (mesmo que não expresso nas palavras) e uma crença na influência dos rituais das religiões afro na realidade.

É importante destacar que as condições de acesso à informação ligadas ao desenvolvimento tecnológico das décadas de 1970 e 1980 (período das matérias utilizadas como fonte) eram bem diferentes da atualidade, o que confere um caráter distinto às proliferações de ideias e informações.

De maneira geral, todas as matérias utilizadas como fonte para este artigo apresentaram as religiões de matrizes africanas sob a perspectiva da superstição, do medo e da sátira. Não

⁴¹ Idem.

houve um tratamento que as encarasse como o que são, religiões. Por isso, a referência do parágrafo anterior nos demonstra como os mitos são permeados, em parte da imprensa, o que acaba por limitar o conhecimento a apenas uma forma de ler e ver o mundo. Elementos como esses contribuem para atitudes racistas no presente. Como exemplo, cito os ataques direcionados ao jogador Paulinho, que no ano de 2024 atuou pelo Atlético Mineiro, sempre que ele expressa sua fé.

Em minha perspectiva, essas ações são partes do Epistemicídio do povo negro no Brasil, como sugerido por Carneiro (2005), agindo como uma tecnologia racista em diversos âmbitos da vida, inclusive na religião. Colocado dessa maneira, o presente artigo também demonstra como professar a fé em religiões de matrizes africanas faz parte de um caráter de resistência dentro do futebol, adicionando mais uma camada de interseção para estes indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMORIM, M. P. **Macumba no imaginário brasileiro: a construção de uma palavra**. SIMPÓSIO DE PESQUISA DA FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, 2. São Paulo, 2013.
- CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) FE/USP, São Paulo, 2005.
- FERREIRA, Maria Eduarda Alves; ELIAS, Guilherme Alves; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Plantas medicinais utilizadas em rituais de Umbanda: estudo de caso no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 1-14, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v6i3.10505>. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/view/10505/10505_35111-PBa. Acesso em: 22 dez. 2022.
- GREGOLIN, M. do R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- IBGE. **Site do IBGE**, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acesso em: 7 Novembro 2022.
- IMBIRIBA VEIGA, R. Orixá ou Diabo: a construção imagética de Exu no Brasil. **Revista Calundu**, v. 4, n. 2, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.35815. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/35815>. Acesso em: 18 fev. 2023.

LEAL, D. F. D. O.; MESQUITA, O. O futebol de mulheres na revista Placar: da objetificação à redenção. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021. ISSN 1984-6924

LEE, P. Por que aprender História? **Educar em Revista** [online] n.42, p.19-42, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500003>. Epub 17 Fev 2012. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500003>.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pôlen, 2019.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SALDANHA, R. M. **Placar e a produção de uma representação do futebol moderno**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2009.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010. **Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 1, n. 2, p. 55-66, 24 ago. 2013.

SILVA, S. S. **A relação entre ciência e senso comum**, Ponto Urbe [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 dezembro 2011, consultado 12 de dezembro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/359>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.359>

NOTA DO AUTOR

Declaração de conflitos de interesse

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento do trabalho.

Endereço para correspondência

Av. Presidente Carlos Luz, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31310-250

Submissão: 18/12/2023

Aceite: 16/05/2024